

NARRATIVAS E HISTÓRIAS FORMATIVAS DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL DA DOCÊNCIA: COM A VOZ AS PROFESSORAS INICIANTES

Joelson de Sousa Morais¹

RESUMO

O estudo em pauta é uma *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica em educação que foi realizada com três professoras iniciantes que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental em duas escolas da rede pública municipal de Caxias, Maranhão. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre do ano de 2020 e contou com os dispositivos metodológicos: diário de pesquisa, conversas e escritas narrativas e orais. Apresenta como questão norteadora: Como as narrativas e histórias formativas de professoras iniciantes contribuem na aprendizagem profissional da docência no cotidiano escolar? Os objetivos buscam: compreender as potencialidades das narrativas e histórias formativas de professoras iniciantes no cotidiano do desenvolvimento profissional, bem como refletir acerca das experiências e saberes de docentes em início de carreira na aprendizagem profissional da docência. Os resultados elucidam que as narrativas representam um potente dispositivo de reflexão e aprendizagem profissional das professoras iniciantes que permitem trazer transformações fundamentais nos processos formativos e nos contextos onde estabelecem relações que se configuram como contributos aos saberes a ensinar e relacionados à educação, sobretudo, em se tratando da sala de aula e na relação com os alunos.

Palavras-chave: Aprendizagem Profissional da Docência, Conversas, Narrativa (auto)biográfica, *Pesquisa formação*, Professoras Iniciantes.

TRAINING NARRATIVES AND STORIES OF PROFESSIONAL TEACHING LEARNING: BEGINNING TEACHERS WITH THE VOICE

ABSTRACT

The study in question is an (auto)biographical narrative research in education that was carried out with three beginning teachers who work in the 5th year of Elementary School in two municipal public schools in Caxias, Maranhão. The research was carried out in the first half of 2020 and consisted of methodological devices: research diary, conversations and narrative and oral writings. It presents as a guiding question: How do the narratives and formative stories of beginning teachers in the professional learning of teaching in everyday school life? The objectives aim to: understand the potential of narratives and formative stories of beginning teachers in the daily professional development, as well as reflect on the experiences and knowledge of teachers at the beginning of their careers in the professional

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto I da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. Pesquisador do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (UNICAMP/UERJ) que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC)/UNICAMP e Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (FFP/UERJ). Integrante também do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade (UEMA). E-mail: joelson.morais@ufma.br

learning of teaching. The results elucidate that narratives represent a powerful device for reflection and professional learning for beginning teachers that allow fundamental transformations to be brought about in the training processes and in the contexts where they establish relationships that are configured as contributions to the knowledge to teach and related to education, above all, in dealing with the classroom and the relationship with students.

Keywords: Professional Teaching Learning, Conversations, (auto)biographical narrative, Training Research, Beginning Teachers.

UM COMEÇO PARA DESBRAVAR O QUE HÁ POR VIR...

A sociedade vem passando por profundas mudanças ao longo do tempo nas esferas socioeconômicas, políticas, educacionais e culturais trazendo diferentes perspectivas e reflexões no contexto da formação docente e da aprendizagem profissional de professoras², que se dão com variadas intensidades, e repercussões tanto no quesito pessoal, quanto profissional.

O processo de valorização da voz da professora, é um modo de (re)situar o prestígio profissional da docência a quem tanto defende Nóvoa (2013, p.204), no sentido de um *tecido profissional enriquecido*, nas palavras do autor, e que consiste na construção de uma “reflexão sobre a prática e de uma teorização da experiência”, como forma de potencializar seus saberes e fazeres profissionais, buscando dá visibilidade ao que tanto produz e que tem implicações formativas e transformadoras na constituição de suas identidades profissionais, determinando a continuidade da profissão de forma qualitativa e potencial.

Os diferentes modos pelos quais são tecidos os conhecimentos profissionais da docência revelam uma infinidade de saberes, reflexões e potencialidades que partem das experiências cotidianas tecidas narrativamente por docentes, fruto, muitas vezes do aprender e ensinar.

O texto se tece numa abordagem da *pesquisaformação*³ narrativa (auto)biográfica em educação, no qual preconiza a indissociabilidade entre os processos de pesquisar e

² O uso do termo *professoras* no feminino neste texto, se dá por uma escolha política, teórica e epistemológica, pelo respeito ao gênero, pela maior parte da docência ser constituída de mulheres e também pelo fato de que as participantes da pesquisa foram mulheres.

³ A junção de duas ou mais palavras é uma forma de inventariar tantos outros significados, sentidos e palavras que extrapole a dimensão clássica de produção do conhecimento científico, para além do modelo positivista. Tal forma de escrita é adotada neste texto, inspirada na corrente de estudos nos/dos/com os cotidianos, na qual é fundamentado em Nilda Alves (2003) que fundou esse

formar, que se dão de forma coletiva entre quem pesquisa em diálogo permanente com os participantes do estudo, produzindo, juntos, conhecimentos, aprendizagens e formação na e durante a pesquisa (Josso, 2010; Bragança, 2018).

O presente texto se correlaciona à pesquisa de Doutorado em Educação realizada pelo autor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre os anos de 2019 a 2022, porém, as reflexões aqui produzidas são fruto de encontros feitos no cotidiano escolar com as professoras participantes do estudo no ano de 2020, antes da Pandemia de Covid-19.

A opção por escolher a narrativa como dimensão heurística e perspectiva *teoricometodológica* nas contribuições da formação e aprendizagem profissional da docência, se dá pelo fato de que, “[...] o principal contexto de vida onde as professoras fazem aprendizagem profissionais, é nas suas narrativas, o espaço de relação que constituem as suas turmas” (Sarmiento, 2009, p. 324).

Neste texto, estou compreendendo por professoras iniciantes aquelas que estão no exercício profissional da docência num recorte cronológico que compreende uma temporalidade de 01 (um) até 03 (três) anos conforme Huberman (2000), que caracteriza a primeira fase do ciclo de vida profissional docente.

A questão norteadora da pesquisa neste trabalho busca questionar: Como as narrativas e histórias formativas de professoras iniciantes contribuem na aprendizagem profissional da docência no cotidiano escolar?

Algumas outras questões norteadoras me impulsionam neste texto, configuradas como provocações reflexivas, que são: Quais saberes e experiências são tecidas nas narrativas por professoras iniciantes no contexto do desenvolvimento profissional? E como as narrativas e histórias formativas de professoras iniciantes contribuem para desencadear processos formativos e reflexivos do desenvolvimento profissional da docência?

movimento no Brasil na década de 1980, como também me embaso em Inês Bragança (2018) que produziu um significativo trabalho nessa abordagem e vem ampliando suas discussões no âmbito da pesquisa narrativa (auto)biográfica no Brasil e na América Latina.

Em se tratando de professoras iniciantes, com as quais compartilhei uma *pesquisaformação* que aqui apresento, busco, como objetivos: compreender as potencialidades das narrativas e histórias formativas de professoras iniciantes no cotidiano do desenvolvimento profissional, bem como refletir acerca das experiências e saberes de docentes em início de carreira na contribuição da aprendizagem profissional da docência.

Trata-se de um estudo circunscrito na abordagem da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, que prima pelos dispositivos metodológicos: narrativas orais e escritas, diário de pesquisa e conversas, que foram desenvolvidas com 03 (três) professoras iniciantes que estão atuando no 5º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas da rede municipal de Caxias (MA), as quais já se encontram exercendo o magistério pelo 2º ano como docentes, nas respectivas instituições escolares onde foi realizada a pesquisa.

A perspectiva *teoricametodológica* é traçada no campo da abordagem narrativa (auto)biográfica tomando como princípios, os postulados de: Josso (2010), Ricoeur (2010), Bragança (2012; 2018), Goodson (2019) entrelaçados com estudiosos do campo da formação e aprendizagem profissional da docência com: Marcelo Garcia (1999), Sarmiento (2009), Roldão (2010), entre outros.

Nesse texto, discuto na primeira parte os itinerários trilhados na *pesquisaformação*, apresentando tanto o modo como desenvolvi os dispositivos metodológicos utilizados durante o percurso trilhado como algumas teorizações dessa abordagem na pesquisa narrativa (auto)biográfica; na segunda parte apresento as narrativas das professoras iniciantes participantes do estudo tecendo reflexões em diálogo comigo e com registros do diário de pesquisa, e na terceira e última parte reflito com algumas considerações como lições e aprendizados construídos.

TESSITURAS TEORICOMETODOLÓGICAS DA PESQUISAFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A ideia de uma pesquisa desenvolvida com professoras iniciantes no cotidiano escolar, é uma forma de fazer emergir suas narrativas e histórias de si e dos contextos

que as cercam, tornando sua palavra, uma possibilidade de compreender os diferentes fatores e processos formativos e de aprendizagem profissional da docência pelas quais passam, constroem e se engajam em suas múltiplas experiências do vivido.

Assim, o que reflito nesse escrito, trazendo as narrativas e histórias formativas das professoras iniciantes, é:

[...] reconhecer o valor que os actores sociais atribuem às suas memórias como intervenientes na sua aprendizagem profissional, realçando as interações estabelecidas ao longo da vida como pessoas significativas, em contextos sociais em que cada pessoa-professor se vai construindo e reconstruindo (Sarmiento, 2009, p. 305).

Em decorrência dos inúmeros acontecimentos que são forjados no contexto das transformações do capital e do neoliberalismo, ouvir professoras, se torna uma via indispensável para não apenas saber o que se passa nas escolas, mas, sobretudo, para refletirmos e compreendermos a potência de suas histórias narrativas na articulação com outros vários níveis de reflexões acerca da cultura escolar e das suas implicações que se entrecem na relação com os alunos, a aprendizagem da profissão, com o jogo político, de lutas e embates que se defrontam e que constitui dimensões cruciais para a compreensão da profissão de professora nos dias atuais.

Por isso, tematizo a aprendizagem profissional da docência neste texto, como uma forma de protagonizar as docentes, a partir de seus próprios universos de saberes e fazeres que estão sendo tecidos cotidianamente com as ferramentas e dispositivos com que dispõem e permitem desenvolver a sua prática pedagógica e seus diversos modos de aprender e ensinar. Nesse sentido, estou compreendendo a *aprendizagem profissional da docência* como:

[...] uma aprendizagem plural e complexa, formada pelo conjunto de conhecimentos, crenças, valores, provenientes de vários contextos e circunstâncias entrelaçados às diversas experiências e interações vividas pelos sujeitos nas suas histórias pessoais e profissionais que se prolonga por toda a vida profissional (Monteiro, 2008, p. 239).

Trata-se, pois, de uma aprendizagem que articula o pessoal ao político-pedagógico de professoras que acaba perpassando as dimensões formativas da vida e da profissão que abarca as experiências micro e macro da realidade, envolvendo aspectos sociais, culturais e educacionais e de outros tantos contextos dos quais fazem parte e perspectivam as docentes.

Os postulados da *pesquisaformação* estão ancorados na perspectiva de Josso (2010) segundo a qual condiz com uma reflexão acerca do processo de pesquisa em que tece o pesquisador em suas experiências de construção do conhecimento científico, permitindo dimensões formativas e tomadas de consciências na tessitura do saber.

A *pesquisaformação*, é, pois, um termo cunhado por Josso (2010), em que a autora o utiliza separado por hífen, e que aqui o concebo em junção por possibilitar outras reflexões e significados na produção do conhecimento científico, conforme já elucidado. Nas palavras da pesquisadora genebrina, esse dispositivo corresponde a “[...] uma atividade na qual cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (Josso, 2010, p. 141).

No contexto da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação como se circunscreve esse estudo, a mesma possibilita uma tomada de consciência em que o pesquisador não apenas se torna um membro externo das pesquisas que realiza, mas se envolve e passa por processos formativos e de (auto)formação, contribuindo, assim, para reforçar a dimensão participativa em que se situa na aprendizagem e construção dos dispositivos metodológicos, de decisões e escolhas que vão sendo delineados no transcurso da pesquisa, em função do que acontece e com os sujeitos com os quais tece e constrói o saber, o conhecimento e a formação.

Nesse sentido, a experiência da *pesquisaformação* elucidada por Bragança (2012, p. 115), e com a qual corroboro “[...] pode produzir conscientização como processo que não pode ser ensinado, mas que é vivido de maneira muito pessoal pelo sujeito: um movimento que leva à busca de transformação”.

A pesquisa foi realizada no 1º semestre do ano de 2020, antes da pandemia de Covid-19, e contou com a participação de 03 (três) professoras iniciantes, em que, todas

elas, estão atuando no 5º ano do Ensino Fundamental, em duas escolas da rede pública municipal de ensino de Caxias, cidade do interior do Maranhão⁴.

Quanto ao perfil formativo das professoras iniciantes participantes do estudo, todas possuem formação em licenciatura em Pedagogia e duas delas possuem curso de especialização lato sensu na área da educação.

As professoras iniciantes participantes da pesquisa, durante sua realização, se encontravam já no segundo ano exercendo a docência nas respectivas escolas em que são docentes, e a situação empregatícia que fazem parte, é sem vínculo profissional, em regime de contratação, sujeito a renovação a cada ano, condicionada a assinatura do contrato para continuarem atuando profissionalmente.

Os nomes utilizados das docentes nesse texto são verdadeiros, que foi fruto de uma escolha feita por elas mesmo, que autorizaram seus usos na escrita e publicização da pesquisa científica. Do mesmo modo, reforço com isso, a possibilidade de dar visibilidade às docentes, as quais são autoras e protagonistas de suas próprias histórias e narrativas, aspecto esse fundamental na pesquisa narrativa (auto)biográfica. Assim são nominadas as professoras: Ana Patrícia, Fernanda e Arikelma.

Duas das professoras iniciantes, participantes da pesquisa, a Ana Patrícia e a Arikelma trabalham numa mesma escola, que é situada numa região periférica de Caxias (MA), no turno matutino. Escola essa que atende a alunos filhos de famílias de classe trabalhadora e recebe crianças de alguns outros bairros circunvizinhos. Já a outra professora, a Fernanda atua no turno vespertino numa escola que é vizinha ao centro da cidade e próxima a outras escolas da rede estadual e que é ladeada por bairros em que também existem outras escolas municipais. Aspectos culturais e territoriais esses das instituições educativas, que podem influenciar a prática docente, e também entendermos o teor de suas narrativas, histórias e experiências peculiares e específicas da aprendizagem profissional da docência.

⁴ A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) da instituição, registro Nº CAAE: 35270620.4.0000.8142.

Quanto aos dispositivos metodológicos utilizados na pesquisa, primei pelo uso dos seguintes: diário de pesquisa, conversas e narrativas escritas e orais, que foram produzidos no cotidiano da escola e da sala de aula das professoras iniciantes.

O diário de pesquisa foi tanto um dispositivo metodológico utilizado por mim como professor narrador pesquisador, quanto pelas professoras iniciantes participantes da pesquisa, em que, passamos a registrar as experiências cotidianas e quaisquer outros momentos que eram fundamentais para serem lembrados, *a posteriori*, quando na produção da escrita científica, e que de alguma forma nos chamaram a atenção, para que pudéssemos registrar.

As conversas, como dispositivo metodológico de pesquisa, aconteceram de uma forma espontânea, entre eu pesquisador e as professoras iniciantes, que se davam algumas vezes no início dos nossos encontros, ou mesmo no percurso das aulas e ao final, principalmente, em que as docentes tinham mais tempo e conversavam comigo acerca do que tinha acontecido em sua prática cotidiana, e dos vários momentos e acontecimentos que lhes despertavam e motivavam para narrarem.

Do ponto de vista de sua pertinência e relevância sociocultural, é oportuno ressaltar que “[...] a conversa é uma necessidade humana e, como tal, é a ferramenta que impulsiona mudanças, a ser outra pessoa em cada *espaçotempo* da vida e a crescer, paulatinamente, durante nossa existência. Induz-nos [...] a uma construção civilizatória de nós no mundo pela interação com os outros” (Morais, 2018, p. 309).

Nesse contexto cabe reforçar que “[...] a conversa tem a ver com a disponibilidade e a escuta; implica um posicionamento disponível ao outro e à sua palavra, não para acatá-la ou aceitá-la passivamente, mas para deixa-la ressoar, afetar, dar a pensar, indagar” (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018, p. 165). Ou seja, é um modo outro de trazer uma provocação, em que, nem um, nem o outro toma a sua palavra como sua, mas que ambos, no processo comunicativo, vão fluindo, por uma infinidade de articulações, saberes e experiências o que poderá circular e se ampliar os assuntos e as questões tematizadas no diálogo.

Em relação a como foram captadas as narrativas das professoras iniciantes, se deu numa perspectiva tridimensional, ou seja: 1) em processos de acompanhamento formativo e fruto de minha participação nas atividades/aulas em que realizavam; 2)

durante as conversas em que íamos estabelecendo no cotidiano da escola e em algumas vezes da sala de aula, em que emergiam suas experiências, saberes, críticas e reflexões do que se passava nas aulas e que elas queriam me revelar, de modo espontâneo, ou de questionamentos e provocações reflexivas que eu ia lançando a elas, para que disparassem suas narrativas; e, 3) dos registros narrativos no diário de pesquisa (meu e delas), que serviram de modo potencial para ser revisitado após os encontros com elas, direcionando o olhar ao que estava escrito, e permitindo reflexões na tessitura das ideias e do conhecimento necessário a construção do presente texto.

Fui, então, como pesquisador registrando durante as conversas, a escrita narrativa no diário de pesquisa, no momento de sua narração, que depois de transcritas, fazia a leitura ao fim do encontro, e ia ganhando outros formatos e composição narrativa pelo que me diziam a mais ou que, por ventura, tenha ficado algum fato ou acontecimento incompleto ou que pudesse me fazer ver o que ainda não tinha visto, e nem contemplado no registro por escrito no diário de pesquisa.

Diante desse contexto, é fundamental no transcurso da pesquisa, registrar os acontecimentos que se processam no cotidiano escolar, e com as pessoas com quem compartilhamos a pesquisa, tendo em vista que muitas vezes acabamos esquecendo depois, o que se passou se formos levar em consideração apenas o plano da memória. Assim, a participação e acompanhamento com registro representa uma possibilidade de captar as experiências que mais se tornaram marcantes pra nós, e que foram registradas narrativamente de forma escrita, passando, a servir como sustentáculo para nossas articulações, reflexões e mesmo a escrita científica, que resultou na produção deste trabalho.

COMPONDO HISTÓRIAS E NARRATIVAS COM PROFESSORAS INICIANTES NA APRENDIZAGEM DA PROFISSÃO

Os processos pelos quais são tecidos os conhecimentos profissionais das professoras iniciantes nos contextos de aprendizagem da profissão são fundamentais

para a construção de um campo profissional fortalecido e que possibilita o desenvolvimento de suas experiências cotidianas ao longo de sua vida.

O contexto da *pesquisaformação* contou com um conjunto de participações que teci coletivamente com as professoras iniciantes participantes da pesquisa, e que foram dialogando comigo acerca de suas múltiplas experiências de aprendizagem profissional e de muitos outros saberes que compartilhavam, durante os encontros.

Muito do que me narraram, era fruto de suas implicações e atravessamentos que, vez por outra, aconteciam no seu cotidiano, e que, durante processos de conversas, iam partilhando narrativamente, o que mais lhe pareceram significativos e que as tocaram de algum modo, durante suas experiências na escola, e sobretudo, na sala de aula e com as crianças.

Diante dos inúmeros desafios no campo da formação de professoras e nos processos de desenvolvimento profissional, com ênfase em contextos da inserção profissional das docentes muitas vezes nas escolas e instituições educativas, vejo cada mais a importância de estabelecer ligações e conexões com outros múltiplos *espaçotempos* de constituição e aprendizagem de saberes e fazeres relacionados à sua profissão.

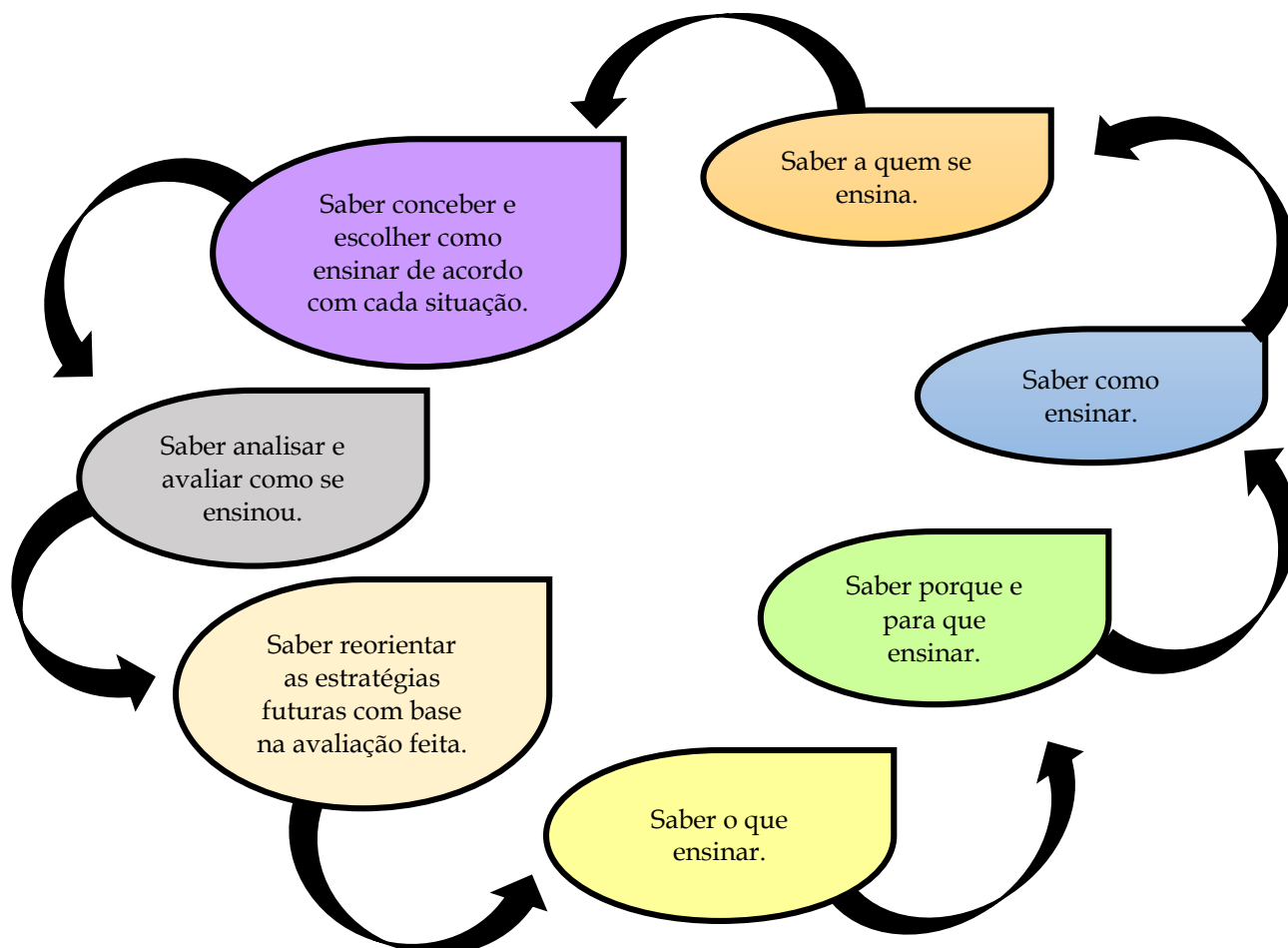
Em vista da valorização das experiências profissionais das professoras e da consolidação de aprendizagens e de um campo de saberes relacionados ao ofício docente, ressalto que:

[...] a narração das histórias de vidas das professoras iniciantes se faz presente em diferentes acontecimentos que situam as marcas de vivências e experiências com o contato em processos de aprender e ensinar a serem professoras, e que se configurou com diferentes implicações, intensidades e características em suas vidas, e que é retratado com as reminiscências das memórias com as quais conseguem se lembrar (Morais; Bragança, 2020, p. 200).

Por isso, elaborei uma figura, que busca retratar alguns dos eixos que considero fundamentais na constituição de saberes e fazeres relacionados ao ensino, que se articulam entre si, e que fazem a prática pedagógica se desenvolver em prol dos processos formativos de aprender e ensinar.

Trata-se, pois, dos eixos de conhecimentos da função de ensinar, pelas quais experienciam os sujeitos que escolhem a docência como vida, formação e profissão, e que se relaciona intrinsecamente a este trabalho. Busco fletir essas dimensões conforme elucidado na figura a seguir:

Fig. 1: Eixos de conhecimentos da função de ensinar



Fonte: Elaborado pelo autor (2021) com base em Roldão (2010).

A proposta da figura acima, não é explicitar esses princípios nesse texto, mas mostrar as dimensões estruturantes do ensino e da ação de ensinar que se tornam cruciais no cotidiano da prática pedagógica e nos processos de aprendizagem profissional da docência.

São, portanto, aspectos importantes, que, uma vez assinalados, configuram-se como possibilidades de compreensão dos fenômenos educativos e das próprias aprendizagens profissionais do magistério que, muitas vezes vão sendo descobertas

pelas professoras no contexto do trabalho docente e que vão sendo desvelados, conforme as experiências que são tecidas, cotidianamente.

Nos primeiros contatos, por exemplo, uma das professoras disparou suas narrativas focando os impactos que teve quando assumiu a sua primeira experiência como professora iniciante numa escola pública dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, se posicionou a docente:

Ano passado foi muito difícil, pensei até em desistir. A turma que peguei no ano passado eram 15 alunos, porque eram repetentes. Então, tinha dias que eu chegava em casa e chorava, porque eu parava e pensava na situação deles [alunos] de não querer nada com a vida (Narrativa da professora Ana Patrícia, 20/02/2020).

A narrativa acima, evidencia uma preocupação que se apresentou no início da carreira profissional da docente, e que pareceu que a professora ficou um pouco desorientada e muito tocada com o enfrentamento da situação de sala de aula com as crianças, já que era uma realidade na qual ainda não tinha enfrentado numa escola pública, que foi lidar com alunos “difíceis” de se relacionar e com dificuldades de aprendizagem, como revelou também a docente em conversas que com ela tive acerca dessa narrativa enunciada em outro momento, pois, anterior a esse contexto, a professora teve algumas poucas experiências na rede particular de ensino, e as configurações demandadas pela realidade, portanto, se apresentava com outras facetas da profissão.

Em conversas posteriores que tive com a professora iniciante Ana Patrícia, a mesma foi me esclarecendo acerca dessa narrativa que li a ela, que se tratava de uma experiência em que essa turma era um caso típico que tinha em sua maioria alunos repetentes, e que apresentavam muitas dificuldades de aprendizagem, o que parecia incomodar bastante a professora que chegou a me confessar que teve muitas dificuldades para gerir a turma, bem como no plano emocional-pessoal quanto às suas motivações, interesses e impactos sofridos dessa relação, e mesmo em se tratando de continuar as múltiplas resolutividades de situações conflituosas de conduzir os processos educativos nessa turma. Sobretudo, pelo perfil que apresentava os alunos.

A partir dessa experiência, constato que, o início da carreira docente mediado pelos contextos de socialização profissional, movimentam muitas incertezas, instabilidades e expectativas do trabalho docente, que pode ser preponderante para a constituição de um perfil de professora, uma vez que “[...] no segundo e terceiro anos podem estar ainda a lutar para estabelecer a sua própria identidade pessoal e profissional” (Marcelo Garcia, 1999, p. 113).

Mas, sabemos, que não existem contextos lineares e nem turmas homogêneas, e as situações enfrentadas são fruto das condições sociopolíticas, históricas, econômicas e sociais de que faz parte o entorno da escola, as docentes, a própria cultura específica da instituição, a realidade dos alunos, e a cidade em suas diferentes perspectivas que atravessam esses contextos e se reverberam na sala de aula e no trabalho das professoras iniciantes.

Pela experiência da história narrativa refletida pela professora iniciante Ana Patrícia, anteriormente, compreendo que tem relação com a “dialética da expectativa, da memória e da atenção” discorrida por Ricoeur (2010) em *Tempo e Narrativa* (vol.1). Assim, buscando situar as ideias desse autor no contexto de vida e aprendizagem profissional da docente, diz respeito aos processos formativos que se entrelaçam nos contextos experienciais da professora, ao pensar como poderá agir e se organizar em relação ao seu planejamento para desenvolver a sua prática pedagógica (expectativa), às marcas da temporalidade narrativa em que são reveladas na história de vida e acerca da profissão (memória) e dos acontecimentos que enfrenta cotidianamente para que possa direcionar suas ações, buscando evitar possíveis lacunas e atravessamentos que põe em cheque os aspectos qualitativos do trabalho docente (atenção).

Os impactos e “choque de realidade” com que enfrentam as professoras iniciantes no processo de inserção profissional no cotidiano das escolas, parece ser um modo preponderante com que se lembram e carregam marcas consigo ao longo da profissão. Tanto é que outra professora iniciante, revelou o seguinte em sua narrativa:

Ano passado teve a situação de um aluno que começou a chorar porque foi retirado de uma turma e veio para a minha. Então, eu cheguei pra ele e disse: “meu amor se você quiser chorar vai se abrir

com a diretora pra tentar resolver teu problema, porque tua sala é aqui e você não vai mudar [de sala]”. Aí, depois a Soraia [diretora adjunta] veio falar comigo e me disse que o problema de ele está chorando era eu, aí eu disse que não ia mudar a minha metodologia e expliquei tudinho como eu fazia para a diretora, porque se eu deixar os alunos, eles sobem em cima da gente, e eu não deixo de jeito nenhum (Narrativa da professora Arikelma, 20/02/2020).

Essa experiência evocada narrativamente pela professora iniciante Arikelma, foi fruto de seu primeiro ano de atuação profissional, e que esses fazeres e saberes tecidos cotidianamente em sua entrada na escola, pareceram ser determinantes para a constituição de sua identidade, bem como para se afirmar na profissão e delinear a sua postura como docente. Fato este que também foi reforçado em outras narrativas que compartilhou comigo em conversas, e transpareceu ter sido de inestimável valor e importância para a docente.

O que me parece ser de uma riqueza fundamental são as constantes mudanças que são tecidas no plano da subjetividade da professora iniciante, que a todo o momento vão compondo modos de ser e estar professora em função do que acontece, do que reflete e das relações que são possíveis de estabelecer, permitindo, assim, constituir formações identitárias na consolidação de seu perfil profissional em processos sempre contínuos, ininterruptos e constantes, o que tem a ver com o que Hall (2014, p. 108) elucida de que “[...] as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

De potencial valor, convém ainda ressaltar nas palavras deste mesmo autor que as identidades:

[...] tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representado” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (Hall, 2014, p. 109).

Considerações essas que surgem da “narrativização do eu”, segundo o autor, no contexto de processos simbólicos e representacionais que, no plano discursivo são

tecidas fruto de condições institucionais, políticas e histórico-sociais que vão emergindo nas narrativas do sujeito.

Cabe retratar que a situação pela qual aconteceu esse episódio narrado pela profa. Arikelma acima, relacionava-se com as mudanças que ainda estavam sendo operadas no início do ano letivo de 2020, uma vez que a gestão da escola, fazia uma triagem separando aqueles alunos que tinham mais facilidades de aprendizagem, daqueles que apresentavam dificuldades, e eram conduzidos para turmas diferentes umas das outras.

O que, depreendo então, desse contexto de mudanças de alunos de uma turma para outra, por parte da gestão escolar, me leva a refletir acerca de uma complexa situação conflituosa, que coloca em risco o trabalho docente, a aprendizagem da profissão de professoras que estão iniciando a carreira, contribuindo, assim, para reforçar as desigualdades e endossar as diferenças, que podem levar as dificuldades de constituição dos saberes da prática pedagógica, das identidades profissionais das professoras iniciantes e do perfil de docente que ainda está sendo tecido no cotidiano do aprender e ensinar.

Como é possível perceber, é nas narrativas onde as professoras refletem os acontecimentos que são tecidos no seu cotidiano e que servem de subsídios para repensar a sua postura, suas aprendizagens e necessidades formativas, de construção de (outros) saberes, dispositivos metodológicos e práticas que poderão ser desenvolvidas em momentos futuros de sua prática pedagógica.

Nesse sentido, ouvir as vozes das professoras iniciantes em processos de conversas, representa um profícuo contexto de reflexão na aprendizagem profissional da docência, que é reforçado por Goodson (2019) em sua obra *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*, ao mostrar a legitimidade da potência das histórias narrativas na compreensão do sujeito nas dimensões micro, em se tratando de sua identidade e subjetividade, bem como no plano macroestrutural em que se situa. Em outras palavras, invoco as ideias do autor:

Narrativas propiciam e criam espaço para “momentos pedagógicos” nos quais as pessoas podem se conectar consigo mesmas, umas com as outras, com suas próprias cultura e tradição, com suas esperanças e aspirações e, em última instância, com uma construção de conhecimento intencional e orientada, que serve a suas trajetórias pessoais e públicas (Goodson, 2019, p. 114).

Razão pela qual, a narrativa se configura como um meio no qual é possível acessar, compreender e refletir acerca das histórias de vida das docentes, de suas micro realidades e que levam a outras possibilidades de compreensão mais amplas, em um contexto macroestrutural de seu entorno, da profissão docente, do currículo e das políticas hegemônicas e contra hegemônicas que se defrontam e estão tecendo cotidianamente.

A narrativa de outra professora iniciante, agora a Fernanda, tem um outro teor discursivo. Até porque, as experiências também diferenciam-se de uma docente para outra, tanto em se tratando de sua postura, como em relação aos aspectos de enfrentamento que tem com as crianças e a gestão de sua turma, quanto, nas políticas desenvolvidas pela equipe de gestão da escola, que lhe dá uma certa liberdade para exercer seus saberes e práticas, como tenho percebido no cotidiano do trabalho desenvolvido pela docente, tanto quanto também tem refletido Marcelo Garcia (1999, 113), ao declarar que “[...] os professores principiantes se diferenciam entre si em função dos contextos em que ensinam”.

A narrativa do meu diário de pesquisa que apresento a seguir, foi produzida em um momento em que a professora Fernanda, estava trabalhando os conteúdos da área de Ensino Religioso, abordando os conteúdos “Valores” na formação dos pequeninos, e colocou como direcionamento para que as crianças pudessem fazer a atividade: “Citem 05 coisas que deixam vocês felizes, e 05 coisas que deixam infelizes?”, e logo em seguida, quando alguns participaram, interpelaram a professora o que a deixava feliz, situação essa que pegando-a num momento de surpresa e a fez falar o que do momento lhe veio à mente, sem ter muito tempo para pensar, mas de modo muito implicado e envolvente.

A proposta da atividade, percebo ainda que gerou um eixo de dimensão dialógica e problematizadora, pois, curiosamente nos tomou

e nos envolveu, sintomaticamente e de modo implicado, tanta é, que fomos movidos por um movimento espontâneo, participativo e produtivo. Mexeu muito comigo e fiquei bastante apreensivo e curioso para saber a concepção das crianças para defender os seus ideais e posicionamentos. De certo modo, foi um debate bem discursivo entre aqueles que defendiam que ser criança é fácil, enquanto outros se contrapuseram em afirmar ser difícil ser criança. Aprendi muito nessa aula de hoje (**Escrita narrativa de Joelson Moraes, diário de pesquisa, 02/03/2020**).

A problematização e reflexões outras com que foi gerada por essa atividade mediada pela docente deixou as crianças estimuladas e que, durante esse debate, foi conduzido a um outro tipo de conteúdo, induzida por uma das crianças e que levou as outras a se moverem e se voltarem acerca do tema “Porque vida de criança é fácil? E, “Porque vida de criança é difícil?”.

Tal questão, foi disparadora e se caracterizou como uma motivação a mais, levando a um nível maior de envolvimento e movimentação pelas crianças, despertando seus interesses, participação e envolvimento de todas as outras crianças da turma no assunto, e é claro, da professora que foi levada a outra extremidade de discussão, reflexão e desdobramentos da aula, mostrando, uma constante curiosidade que estava contribuindo em sua aprendizagem ali naquele contexto, como chegou a me relatar em outras conversas.

Com base nas experiências tecidas, percebo que em uma aula, não acontece apenas o programado e os conteúdos não são somente o que está explícito no currículo prescrito e planejado *a priori*, mas há atravessamentos, que, justamente por assim acontecer, cria uma zona de oscilação e deslocamento do ensinado e que leva a tantas outras aprendizagens, tanto para a professora iniciante, quanto para os alunos. Isso é potente e transformador, já que tira, muitas vezes, da zona de conforto toda a aula, mobilizando alunos e professora a ressignificar seus entendimentos, reflexões, saberes e fazeres no cotidiano da prática pedagógica que está sendo tecida por múltiplos fios no trabalho docente.

Convém elucidar, portanto, com base na experiência praticada pela professora iniciante Fernanda de outras perspectivas de conceber o ensino e (des)aprender

possibilidades didáticas da aula, criando um saber curricular que foi permitido, graças as suas interações com seus alunos, que:

Apesar da sua natureza estrutural, marcada pela permanência de longa duração do código disciplinar ou mosaico, as disciplinas escolares e, mais ainda, os conteúdos programáticos que as caracterizam são marcados pela mudança conjuntural, em parte baseada nas mudanças econômicas, nos regimes políticos e nas gramáticas da escola (ensino) (Pacheco, 2014, p. 53).

É acerca desse último aspecto, que as professoras iniciantes vão moldando e construindo outros tantos saberes e fazeres que condiz com o seu contexto e que respondam aos anseios e necessidades da cultura escolar e, mais especificamente, da realidade da sala de aula. Isso relaciona-se com o que Goodson (2019) chama de *aprendizado narrativo*, que é operado nos processos de tessitura de uma narrativa ou história de vida em que constitui inúmeras reflexões, valores, crenças e saberes de mundo, dos contextos pessoais, sociais, políticos e culturais dos quais fazem parte os sujeitos em suas tramas e fios cotidianos a tecer.

No transcurso das aulas, como tinha sido um conteúdo que despertou as crianças, a professora e a mim, pois todos começaram a disparar narrativas do que lhes moviam, compreendiam e fazia parte do universo de vida e existencial, percebo as contribuições que as crianças davam na aprendizagem profissional da docente.

Assim, fui notando que as crianças se tornam um grupo de sujeitos que ensinam muito e contribuem na aprendizagem profissional da professora iniciante, já que vivem em uma outra geração que lidam com mudanças contemporâneas, muitas das quais aprendidas e compartilhadas por meio do mundo tecnológico, fato este consubstanciado pela experiência que narraram de praticarem jogos virtuais que são estrangeiros e possuem toda uma linguagem que é inglesa e que os alunos conseguiam pronunciar corretamente o nome do jogo, como seus princípios e suas táticas utilizadas, fornecendo outras aprendizagens para a docente, que não sabia do que se tratava, mas que fez uma transposição didática do assunto e adequação ao conteúdo para exemplificar o que estava ensinando.

A propósito de uma narrativa da professora Ana Patrícia, com o uso do livro didático na sala de aula com as crianças para poder fazer com que elas conseguissem se concentrar e ficar mais contidas, conseguiu refletir sobre sua prática pedagógica usando esse dispositivo metodológico, narrando o seguinte em conversa comigo:

Porque as vezes eu me acho uma professora tradicional, mas as vezes a gente tem que ser, porque depende muito da turma, pois, se a gente deixar, eles [os alunos] fazem o que querem, deixa rolar, mas não é assim. E por isso, eu mudo minha metodologia em função do comportamento da turma (**Narrativa da professora Ana Patrícia, 03/03/2020**).

A aprendizagem de outros conteúdos e fontes para ensinar a sua turma, foi, portanto, o que a despertou para buscar os livros didáticos que seu filho já não usa mais e que já se encontra em outros anos mais a frente no desenvolvimento acadêmico-escolar. A professora narrou essa experiência em conversas comigo, pelo fato de ter pontuado as dificuldades de aprendizagem que segundo a docente, atrasavam o avanço dos alunos em outros conteúdos que deveriam ser ensinados no 5º ano, mas que não tinha condições, pelo perfil e nível de aprendizagem que se encontrava as crianças, então, ela reforçou que tinha conteúdos de anos anteriores que ainda estava trabalhando com sua turma, para que as crianças pudessem conseguir compreender e, assim, aprenderem os conteúdos mais complexos mais pra frente.

Com base no exposto, a experiência narrada pela professora Ana Patrícia, acima, me leva a compreender que também “[...] os problemas dos professores se referem principalmente a aspectos didáticos por oposição a pessoais ou organizacionais” (Marcelo Garcia, 1999, p. 113). Tanto é, que isso incomodava frequentemente a professora iniciante, deixando bem claro em suas narrativas as questões importantes de desenvolver o seu trabalho pedagógico e a organização da aula de forma que o ensino e a aprendizagem acontecessem.

O registro das experiências cotidianas acerca da prática pedagógica das professoras iniciantes, é um meio privilegiado de formação, reflexão e transformação

dos seus saberes, das compreensões de si e das dinâmicas com as quais poderá subsidiar o seu trabalho futuro no desenvolvimento profissional.

Em uma pesquisa realizada por Prado (2017), acerca das *Aprendizagens e possibilidades em narrativas de professoras iniciantes*, destaca que:

[...] o hábito de escrever narrativas no/do/com o cotidiano escolar possibilita a compreensão pessoal e profissional docente, permite a inscrição e a socialização dos saberes, conhecimentos e fazeres dos professores, registra o percurso do trabalho pedagógico, possibilita a avaliação e a autoavaliação das práticas de ensino e se constitui como um poderoso instrumento formativo e de aprendizagem profissional (Prado, 2017, p. 246-247).

Portanto, a aprendizagem profissional de professoras iniciantes é consubstanciada por uma pluralidade de saberes, experiência e práticas que perpassam seus contextos de vida, de interações tecidas com as crianças e seus outros pares, bem como, fruto das buscas constantes que faz e compreende acerca do conhecimento, dos dispositivos metodológicos que prima para desenvolvê-los, e dos contextos familiares dos quais participam, entre outras realidades que vão surgindo em seu universo existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *pesquisaformação* permitiu compreender que os saberes e fazeres relacionados à prática pedagógica das professoras iniciantes são tecidos em uma multiplicidade de contextos de aprendizagem profissional da docência.

A primazia pelos dispositivos *teoricometodológicos* do diário de pesquisa, narrativas orais e escritas, além das conversas, os quais representam profícuos meios de captação e produção das narrativas do cotidiano profissional docente, foram fundamentais e imprescindíveis para a produção do conhecimento científico que culminou neste escrito, bem como, a articulação destes, viabilizaram reflexões e tessitura de saberes e práticas por parte do pesquisador e pelas professoras iniciantes participantes da pesquisa.

As experiências do choque de realidade enfrentado pelas professoras iniciantes, no processo de inserção profissional nas escolas, se mostraram fortemente impactantes nas memórias narrativas que emergiram em suas histórias do início da profissão pelas docentes. E as características de *sobrevivência* e *descoberta* discutidas por Huberman (2000), referindo a primeira fase do ciclo de vida profissional de professores, em que se inserem as professoras iniciantes nesse contexto, também foi possível relacionar com as experiências narrativas enunciadas pelas professoras iniciantes participantes da pesquisa.

Entre outras questões, a aprendizagem profissional da docência no cotidiano das professoras iniciantes, foram elucidadas em suas narrativas, a partir dos seguintes aspectos: 1) a relação com os alunos; 2) os modos de organização do trabalho pedagógico; 3) a operacionalização e seleção dos conteúdos a ensinar; e, 4) a aprendizagem das crianças. Aspectos esses que representaram motivos de preocupação e de busca constante de saberes e outras tantas aprendizagens que pudessem ser tecidas pelas professoras iniciantes para contribuir em sua prática pedagógica.

A pesquisa ainda permitiu apreender que cada professora iniciante possui um perfil, postura e modo de conceber o ensino e a aprendizagem da profissão, que se diferencia de uma para outra, além da resolução das problemáticas que enfrenta, e de como encara para si as inúmeras questões que perpassam o seu cotidiano.

Em suma, as narrativas e as histórias formativas acerca da aprendizagem profissional da docência que emergiram na voz das professoras iniciantes durante as conversas cotidianas na *pesquisaformação*, dão legitimidade aos saberes, reflexões e práticas que contribuem nos processos de aprender e ensinar das docentes em início de carreira, o que, reforça a dimensão transformadora e emancipatória das narrativas que tornam as professoras protagonistas de suas próprias histórias e narrativas de vida, pessoais e profissionais.

Além do mais, narrar a experiência é um modo outro de resgatar a legitimidade do conhecimento, das compreensões, aprendizagens e reflexões de si e das inúmeras possibilidades éticas, estéticas e artísticas da narração, recuperando o seu valor

inestimável para a formação humana nos tempos do capital, conforme me faz compreender Walter Benjamin (2012).

Para finalizar, por enquanto, me vem a questão: O que pode então produzir as professoras iniciantes por meio de suas narrativas no cotidiano da aprendizagem profissional da docência? Acredito que seja conhecimentos e saberes histórico-sociais, políticos, pedagógicos e culturais dos quais contribuem para a melhoria e potencialização dos processos formativos, da aprendizagem e desenvolvimento profissional da profissão, constituindo múltiplas, legítimas e enriquecidas experiências e modos outros de ensinar e de praticar o cotidiano *de mil e umas formas*, que correspondam a sua realidade, capazes de transformar a si e aos outros que lhes constituem e que são constituídas por elas em suas relações estabelecidas em múltiplos contextos.

Urge, portanto, pesquisas e experiências formativas que possam colocar em evidência os saberes e fazeres contemplando a aprendizagem profissional da docência, sobretudo, de professoras iniciantes, uma vez que contribuem para reorientar e servir como subsídios para inúmeros profissionais ou futuros professores e professoras que escolhem a docência como carreira, vida e profissão, uma área tão necessária, sensível e importante na formação cidadã, democrática e que busca a transformação e emancipação das consciências na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras iniciantes participantes da pesquisa, à Secretaria Municipal de Educação de Caxias (SEMECT) que autorizou realizar o estudo, e a equipe gestora das escolas. Reforço ainda a pertinência do apoio dos órgãos de fomento às pesquisas científicas no Brasil e agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou a pesquisa, possibilitando, assim, sua realização com uma melhor qualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In.: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012. P.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 24/02/2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. P.65-81.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.103-133.

HUBERMAN, Michäel. O ciclo de vida profissional dos professores. In.: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto editora: 2000. P.31-46.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora: 1999.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Narrativas: estratégias investigativo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: cotidiano, imaginário e memória. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. P.237-248.

MORAIS, Joelson de Sousa. As conversas como instrumento de investigação no cotidiano de professoras iniciantes. *In.*: CABRAL, C. L. de O.; COSTA, M. L. da; SILVA, R. V. da (Orgs.). **A formação docente e a prática educativa**: mediações pelos saberes da pesquisa. Teresina: EDUFPI, 2018. p.299-320.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. As histórias de vida de professoras iniciantes no processo de constituição da docência. **Revista da FAEBA** – Ed. e Contemp., Salvador, vol. 29, n.57, p.190-202, jan./mar.2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/8279/5339>>. Acesso: 07/04/2020.

NÓVOA, António. Nada substitui um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores. *In.*: GATTI, Bernadete A. et al (Orgs.). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. P.199-210.

PACHECO, José Augusto. **Educação, formação e conhecimento**. Porto: Porto Editora, 2014.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Aprendizagens e possibilidades em narrativas de professoras iniciantes. *In.*: PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal (Org.). **Experiências e narrativas em educação**. 1ª. ed. Niterói: EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017. P. 233-250.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROLDÃO, Maria do Céu. Ensinar e aprender: o saber e o agir distintos do profissional docente.: *In.*: ENS, Romilda Teodora; BEHRENS, Marilda Aparecida (Orgs.). **Formação do professor**: profissionalidade, pesquisa e cultura escolar. Curitiba: Champagnat, 2010. P.25-42.

SARMENTO, Teresa. Contextos de vida e aprendizagem da profissão. *In.*: FORMOSINHO, João (Org.). **Formação de professores**: aprendizagem profissional e acção docente. Porto: Porto Editora, 2009. P. 303-327.